



## PANORAMA BÍBLICO - JUÍZES

Sala de Oração - Marcos Sousa e Victor Vieira

30 de abril de 2020 | [www.abase.org](http://www.abase.org) | [contato@abase.org](mailto:contato@abase.org)

### EXEGESE

*Naqueles dias não havia rei em Israel;  
e cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos.  
Juizes 21:25*

### CONTEXTO

Com a morte de Josué, no final do livro, ninguém é comissionado por ele para sucedê-lo e liderar as tribos de Israel (Jz 1:1) na conquista do restante da terra e na permanência e obediência à aliança. Josué deixa uma cópia da Lei de Moisés (Js 8:32) e seu último discurso é voltado para exortar à obediência (Js 23:6-16) e renovação da aliança (Js 24:1-24). Deus deveria permanecer como juiz (Jz 11:27) e liderança e a Lei como “constituição” para o sucesso do povo.

O livro de Juizes, corresponde a um período de 350 anos a partir da campanha militar de Josué e segue até a o aparecimento dos juizes Eli e Samuel, que provavelmente foi o autor de Juizes e estabeleceu a monarquia israelita (1Sm 1). Os juizes não são magistrados ou legisladores, como nos dias de hoje, mas sim semelhantes a um líder tribal, que exercia “salvação” e “libertação” local. Os trechos do livro não dão a sensação de continuidade e, em alguns momentos, de acontecimentos ocorrendo paralelamente.

O livro de Juizes pode ser dividido em três segmentos:

- **Capítulos 1 e 2:** são a introdução do livro, que oferece toda a tônica e resumo da história. Recapitula os dias finais e a morte de Josué (1:1-2:23), explica onde Israel errou e algumas causas dos ataques sofridos pelos israelitas;
- **Capítulos 3 a 16:** são os relatos da atuação dos Juizes. Neste estudos vamos abordar seis deles;
- **Capítulos 17 a 21:** são a conclusão do livro, com o relato de alguns acontecimentos bem perturbadores e violentos (Jz 17; Jz 19). Nesta parte temos também orientação e o caminho para a redenção.

### PANORAMA NARRATIVO

1. **Introdução (Jz 1-2)** - O livro começa com a morte de Josué, e mostra como Israel fracassou totalmente, pela falta de instrução. Historicamente se passaram três gerações de hebreus: a que saiu do Egito e pereceu no deserto, a que vagou e iniciou a conquista da terra e a que se estabeleceu na terra para finalizar a conquista e se desviou da aliança. Vemos a narrativa de Josué como um “livro da vitória”, enquanto Juizes é o “livro do fracasso e da decadência”. Juizes relata a queda de Israel, até um ponto que nós não conseguimos mais os diferenciar dos cananeus, que deveriam ser expulsos (Jz 1:19,21,35). O mandamento do SENHOR era claro, porém não foi cumprido (Js 13:1). Eles se mesclaram aos habitantes da terra e começaram a apostatar (Jz 2:12) e a adotar práticas abomináveis e sincréticas: sacrifícios (Jz 11:31), adoração fora do tabernáculo (Jz 18:14) e confecção de ídolos (Jz 18:14).

Assim, pela falta de conhecimento e a falta de lembrança dos feitos de Deus o povo peca, perece e se desvia (Jz 2:10).

*Consequências da permanência dos povos cananeus (Jz 2:21-23)*- Deus, por meio do Anjo do SENHOR, avisa que os povos da terra que não foram expulsos serão como *espinhos/armadilhas* [espinhos que, dependendo do movimento que é feito, machucam e limitam] para os israelitas (Jz 2:3; Nm 33:55) e faz uso deles como uma *prova* para Israel (Jz 2:21-23) com o objetivo de *verificar se não desviariam e treiná-los* para a guerra (Jz 3:2). E dois pecados cometidos aparecem e saltam aos nossos olhos no livro de Juízes são: a *imoralidade sexual e idolatria* com a prática de sacrifícios humanos.

*A idolatria constante de Israel* - Os israelitas demonstram seu coração idólatra sistematicamente. Após sair do Egito, em meio à revelação de Deus no Sinai, eles fazem um bezerro de ouro (Êx 32), entram idólatras na terra prometida (livro de Juízes), mesmo quando eles tem reis, a tendência à idolatria permanece (1-2Reis e 1-2Crônicas). Essa situação permanece por quase um milênio, e só muda com uma correção drástica de Deus, quando eles voltam do cativeiro assírio (Neemias e Esdras). Hoje vemos os judeus ortodoxos, a prática de não pronunciar o nome de Deus *YHWH* e o não envolvimento com a idolatria. Por isso, para eles, o conceito de *trindade* foi e é difícil de entender.

*A espiral de decadência de Israel (Jz 2:19)*- O que percebemos durante a narrativa é uma *espiral de decadência*, por meio de movimento cíclico que segue em direção cada vez mais baixa. Podemos resumir essa espiral da seguinte forma: O povo *peca*; então é *oprimido*; se *arrepende*; Deus levanta um *juiz "libertador"*; há tempo de *paz*; o povo comete *pecados piores (Jz 2:19)*. Essa é a linha narrativa e o fluxo literário ao longo de todo o livro. Pela leitura vemos um elo comum que une todas as histórias, que devemos glorificar e entender: Deus está por trás de todos os livramentos, Sua misericórdia está presente e Ele não vai deixar responder se o povo clamar *arrependido*. Uma possível aplicação à nós é de que *a certeza de socorro divino não nos dá aval para pecar, não podemos usar isto como uma justificativa para permanecermos pecando*.

*A opressão de Israel é castigo ou permissão?* Foi uma consequência da desobediência (Js 24:20). Deus já havia proferido, por meio de Moisés, tudo o que poderia acontecer caso os israelitas descumprissem a Aliança (Dt 28-29). Deus reitera Sua aliança, repetindo diversas vezes (Êx 6:4; 19:7; 24:7; Js 8:34-35; 24:1-13; Jz 2:1), e o povo concorda (Êx 19:8; 24:7; Js 24:24) mas desobedecem e colhem o fruto da sua desobediência.

*A ausência de Deus* - Um fato que percebemos ao longo do livro é a ausência de Deus. Nenhum juiz ou líder foi consultar a Deus. O Tabernáculo que Josué estabeleceu em Siló (Js 18:1; Jz 18:31), só reaparece como cenário de algo importante em 1 Samuel 2:22. Todas as leis à respeito da Tenda e do culto estavam sendo executadas, mas ninguém via necessidade de ir e consultar à Deus. Israel só vai consultar à Deus no final do livro, demonstrando toda a falta de intimidade e identidade, e só a misericórdia e o justo julgamento do SENHOR, para colocar ordem no caos instalado.

*Os juízes problemáticos* - Outra questão interessante é que a libertação acontece apesar da infidelidade e falibilidade dos juízes ao que o SENHOR diz. Os juízes não são pessoas perfeitas que são levantadas para liderar e libertar, mas sim seres humanos e falhos que cometem pecados e que, mesmo nessa condição, são usados para cumprir o propósito divino.

2. **OS JUÍZES (Jz 3-16)** - Há 12 juízes descrito no livro. Neste estudo, consideramos seis deles, que são os mais destacados [têm mais registro no livro]. Por suas atitudes e procedimentos classificamos três como *bons*, um como *razoável*, um como *ruim*, e o último outro *péssimo*, demonstrando a espiral de decadência. Nós vamos reparar que a maioria dos juízes não são exemplos de devoção ao SENHOR, porém o autor de Hebreus cita em Hb 11:32 diversos juízes como exemplo de fé.

*Por que Deus usou essas pessoas (e a gente)?* A frase “O Espírito do SENHOR veio sobre ele” é repetida diversas vezes no livro (Jz 3:10; 6:34; 11:29; 13:25; 14:6,19; 15:14; 16:20). No relato de Juízes, vemos que o Espírito age sobre aqueles que são terríveis e disfuncionais, que não conhecem plenamente a Deus, Seu modo de agir, e o modo como Ele lida com as situações. Um panorama muito semelhante aos dias de hoje, que vemos a ação *soberana* de Deus sobre uma pessoa. Devemos nos lembrar que o fato de alguém ser usado e capacitado, em determinada área com um determinado objetivo durante um determinado tempo, não valida todas as ações e atitudes dessa pessoa. Ações sobrenaturais do SENHOR em programas na televisão, por exemplo, acontecem devido à Sua soberania e pela fé das pessoas, de alguém que está fazendo ou recebendo, e a presença do Espírito Santo não endossa, certifica ou valida aquelas pessoas e/ou suas atitudes. Os juízes não são exemplos *plenos* que devemos nos espelhar. Eles são falhos, indecisos, descompromissados, que não conhecem quem Deus é, e conferem um retrato de uma nação que não lembra do SENHOR.

*A aliança do SENHOR é com o povo* - Deus estabeleceu aliança e espera compromisso do povo como um todo, não com indivíduos. Podemos conectar Juízes ao texto de 1Coríntios 1:27-29, que Paulo descreve a ação do Pai. Deus usa esse grupo de pessoas as coisas “fracas”, “insignificante”, “desprezado” para executar os Seus propósitos, ou seja, o uso desses juízes imperfeitos para confundir, para que ninguém se vanglorie. Eles serviram ao propósito eterno de Deus, independentemente da atitude que tiveram, sendo eles o “material disponível” para ser usado pelo SENHOR. Assim como nós, hoje, somos o material que Deus tem, e pela Sua misericórdia que fazemos qualquer coisa. Assim, Deus usa o pior para cooperar com o bem do Seu propósito, como Paulo explica em Rm 8:28. Deus tem um plano que *independente* de nós e foi estabelecido por Ele.

- a. **Otoniel (Jz 3:7-11)**: Inaugura o ciclo de juízes de Israel. No texto vemos exemplificado a degradação e a espiral de pecado e libertação de Israel. Otoniel [ou Otniel] era da tribo de Judá e sobrinho de Calebe (Js 15:17; Jz 1:13), participando da conquista da terra prometida sob o comando de Josué. Conquistou o direito de se casar com Acsa, filha de Calebe, após conquistar Quiriate-Sefer (Jz 1:11-13). Provavelmente seguia os passos de Josué quanto à fidelidade ao SENHOR, vendo a quebra da aliança, por meio da desunião das tribos. Sua figura representa como um bom juiz deveria se portar: assumiu a liderança diante à opressão [c. 8 anos] (Jz 3:9). Ele derrota os opressores (Jz 3:10) e estabelece um período de paz [c. 40 anos] (Jz 3:11).
- b. **Eúde (Jz 3:12-30)**: O segundo juiz foi o benjamita Eúde. Os benjamitas eram um povo guerreiro e com coragem, cumprindo o que Jacó havia profetizado à respeito deles (Gn 49:27). Diferente de Otoniel, a libertação trazida por Eúde vem por uma ação solitária (Jz 3:21). Após um período de 18 anos de opressão, o SENHOR levanta Eúde contra o rei dos moabitas. Ele mata o rei,

cravando uma faca de 45cm, feita por ele, na barriga, quando entregou pagar o tributo, iniciando um período de 80 anos de paz (Jz 3:16-30).

- c. **Débora (Jz 4-5):** Considerada uma boa juíza, Débora pertencia à tribo de Efraim. Ela era uma profetisa (Jz 4:1), talvez por isso tenha dedicado suas ações em consagração e em glória ao nome do SENHOR. Ela convocou Baraque mostrando a vontade de Deus em libertar o povo da opressão de Sísera e Jabim [cananeus]. Porém, Baraque, duvida da palavra dada, recusa-se a ir sozinho (Jz 4:8). Então, pela falta de confiança de Baraque, Débora diz que “o Senhor vai entregar o inimigo nas mãos de uma mulher” (Jz 4:9), que no final das contas acaba não sendo ela, mas sim Jael [que não era israelita] que crava uma estaca na cabeça de Sísera, após ele fugir da batalha com Débora e Baraque, e entrar na sua tenda (Jz 4:17-22). A canção de Débora (Jz 5) depois que traz alguns detalhes adicionais, exalta ao SENHOR e humilha as nações e tribos de Israel que não ajudaram na batalha. No tempo de Débora, o povo foi oprimido por 20 anos e permaneceu em paz por 40 anos.
- d. **Gideão (Jz 6-9):** Gideão é convocado quando Israel estava sob a opressão dos midianitas. Os midianitas são o povo que convoca Balaão (Nm 22:4-5) e o caso de mistura e idolatria com as mulheres midianitas (Nm 25). O povo foi saqueado por sete anos, até que se arrepende, então Deus levanta Gideão como libertador. Apesar do Anjo do SENHOR o chamar e falar diretamente com ele (Jz 6:11-12), ele age com covardia, pedindo vários sinais (Jz 6:17,36-37,39-40) demonstrando falta de confiança semelhante à Baraque. Ele começa executando a purificando a sua casa (Jz 6:25-27). Ele eventualmente vai crescendo em fé, passando acreditar que Deus pode libertar Israel através dele. Deus usa Gideão e um exército com 300 homens, portando apenas tochas, vasos de barro e trombetas, para demonstrar claramente que a vitória foi uma ação divina (Jz 7:16-25), assim como foi a vitória de Josué sobre Jericó e Ai. Ele pede ajuda nas cidades de Sucote e Peniel, mas eles se recusam a ajudar (Jz 8:4-8). Então com seu retorno, Gideão se vinga daqueles que não ajudaram na batalha (Jz 8:13-21). Após o seu retorno, o povo pede para que ele seja rei, mas ele se recusa (Jz 8:22), porém pede uma recompensa (Jz 8:24) e constrói um manto sacerdotal com o ouro que ganhou (Jz 8:27). Esse manto foi motivo para idolatria do povo de Israel (Jz 8:27).

*A nossa necessidade de sinais (Jz 6:17)-* Assim como Gideão, nós temos essa relutância e essa necessidade de sinais divinos antes executar a vontade do Pai. Nós colocamos uma série de restrições, barreiras e obstáculos antes de fazer aquilo que o Espírito já nos comunicou.

Abimeleque, filho de Gideão, agiu de forma diferente para pior. Ele matou 69 dos seus 70 irmãos e se auto-intitulou rei de Israel (Jz 9:5). Mas Deus não permite que ele permaneça rei, governando por apenas 3 anos. O SENHOR envia um espírito maligno que se põe entre Abimeleque e os cidadãos (Jz 9:23). Ele é morto por uma mulher que joga uma pedra de moinho (Jz 9:52-53). O interessante deste acontecimento é que Israel precisou de ser liberto da opressão de um dos seus.

*O que era esse espírito maligno? (Jz 9:23) -* Na época dos reis Josafá e Acabe e da separação dos reinos do norte e do sul, houve um conflito e Deus vai fazer uma reunião no céu, e o SENHOR determina que matará o rei Acabe e dá permissão para a ação de espírito de engano (1Cr 18:18-22). Nós precisamos entender que Deus tem poder sobre todos os deuses, sobre todos os espíritos, inclusive sobre os espíritos maus. Ele envia esse espírito mau e ele influencia, e o SENHOR permite esse tipo de ação [como aconteceu com Jó]. A tradução

para essa palavra *espírito* pode ser *ânimo, atuação, inclinação ou disposição*, neste caso gerando animosidade. Um exemplo para este uso é a profecia sobre João Batista, que ele “iria andar no espírito de Elias” (Lc 1:17), ou seja, a disposição e atitude para com o povo.

- e. **Jefté (10:6-12:7)**: Era uma espécie de mercenário e um filho “bastardo” (Jz 11:1-3), que foi requisitado quando os anciãos de Gileade, que o expulsaram, ficam desesperados sob ameaça dos amonitas e filisteus (Jz 11:5). Ele faz um acordo com os anciãos para ser líder de Gileade (Jz 11:11). Por estar pouco familiarizado com o Deus de Israel e sua adoração, Jefté faz um voto completamente sem sentido, oferecendo a primeira pessoa que saísse da sua casa ao seu encontro (Jz 11:30). Israel não tinha conhecimento do Deus que estava servindo e tinha uma aliança.

*Sincretismo de Jefté (Jz 11:30)* - O sacrifício humano era aceitável aos deuses cananeus [principalmente Moloque] e condenado pelo SENHOR como proibido, pois era uma prática idólatra (Lv 18:3; Dt 12:31). A falta de conhecimento de Jefté, em relação a qual deus ele estava servindo e como era o culto de adoração à ele, era tão grande que ele imaginou que se os deuses pagãos aceitavam, o SENHOR aceitaria o voto também.

*Jefté sacrificou a sua filha?* Não há versículo específico explicando que ele realmente matou. Há duas linhas de pensamento:

1. *Não*. Os sacrifícios humanos eram proibidos (Lv 18:21; 20:2-5), o voto feito por ele deve ser tomado como uma espécie de dedicação da jovem à virgindade perpétua, já que era sua única filha.
  2. *Sim*. Ele realmente sacrificou sua filha conscientemente já que foi obrigado pelo seu juramento. Isso mostra como podemos lidar com Deus sem temor, e mesmo com as vitórias podemos errar ao lidar com Deus. O que corrobora esse pensamento são os versículos 31 e 39: E o pai cumpriu nela o voto e holocausto.
- f. **Sansão (Jz 13-16)**: Ele era nazireu (Nm 6), por isso tinha uma série de restrições cerimoniais: não beber vinho e não tocar em mortos, por exemplo. É o relato mais conhecida de Juízes e revela bem como as coisas aconteciam nessa época (Jz 21:25). Percebemos pelo seu temperamento que ele era promíscuo, violento e arrogante. Sansão venceu talvez a maior batalha contra os filisteus, que eram inimigos históricos dos israelitas, mas ao custo da sua própria integridade e da sua própria vida, cumprindo assim a vontade de Deus e se tornando um verdadeiro juiz. A situação do seu nascimento é semelhante à de João Batista, com aparecimento do anjo do SENHOR (Jz 13:3) e o voto de dedicação ao SENHOR (Jz 13:14-15). Ele constantemente quebra o seu voto (Jz 14:8,10; 15:15; 16:19), e entra em maldição quando se casa com uma mulher filistéia (14:10). Ele se apaixona por outra filistéia, Dalila, e revela o segredo de sua força (Jz 16:19). O ego dele é sempre maior do que realizar a vontade de Deus para a vida dele, vemos que os feitos que ele realizava são simplesmente por seu temperamento colérico.

*A constante falta de intimidade (Jz 16:20)* - O exemplo de Sansão, de ter o seu cabelo cortado e não perceber que o Espírito do SENHOR já havia se afastado, apenas demonstra como a falta de intimidade era latente. Semelhantemente à Jefté e posteriormente em 1Sm 16:20, no episódio que a Arca é perdida para os filisteus, e temos *Icabode*. Apenas demonstrando a decadência de Israel: pedindo sinais, não seguindo à Lei e não conhecendo a Deus. Há uma relação muito grande com os nossos dias. Não há sinal claro do que estarmos vivos! Já

temos a palavra do SENHOR para agirmos: a Grande Comissão (Mt 28:18-20) para cumprir, além de glorificarmos em tudo que fizermos no nosso dia a dia. Nós temos acesso à informação e temos a obrigação de buscar ao SENHOR.

3. **O FUNDO DO POÇO DE ISRAEL (Jz 17-21):** Essa porção trata dos episódios de Mica e da guerra civil de Israel. A mãe de Mica consagra prata ao SENHOR, para o filho fazer um ídolo (Jz 17:3). Ele, então, faz o ídolo e um altar (Jz 17:5), arruma um levita de Judá para ser sacerdote (Jz 17:9-13). O exército da tribo de Dã rouba o ídolo, convence o sacerdote ambicioso a ir com eles, prometendo grandeza (Jz 18:19). No caminho, eles ataca uma pequena cidade inocente Laís, povo pacífico (18:27) e mata todos. A tribo de Dã permanece ali, em Laís, com os ídolos de prata e congregando mesmo com a Arca e o Tabernáculo estabelecido em Siló (Jz 18:31).

*A liberdade de ação dos poderosos (Jz 18:11-26)* - Quando Israel se não se submeteu, afastou e esqueceu do SENHOR, quem possuía o poder bélico subjugava e decidia o que faria, com a liberdade para agir com injustiça. Quando esquecemos de Deus, os poderosos, aqueles que detêm o poder, realizam tudo o que desejam no seu coração. É nosso dever orar pelas autoridades (Rm 13:1; 1Tm 2:1-4).

O último trecho do livro é um dos mais tristes e de decadência (Jz 19-20) - No encerramento, há um relato chocante de abuso sexual e violência. Um sacerdote tem uma concubina que volta para a casa de seu pai (Jz 19:2). No caminho de volta, ele e a concubina param em Gibeá (Jz 19:14), mas ninguém é hospitaleiro (Lc 11:5-8), apenas um senhor que voltava do campo (Jz 19:16). Esse episódio é semelhante ao que aconteceu com Ló em Sodoma e Gomorra (Gn 19:1-4). A casa é cercada e é requisitada a expulsão dos viajantes para que eles fossem abusados (Jz 19:22). Então, após discussão, a concubina é abusada e morta (Jz 19:25-28). Vendo o que aconteceu, o sacerdote esquartejou a esposa morta e enviou das partes da concubina às doze tribos de Israel. Com isso tem-se início a primeira guerra civil de Israel: 11 tribos contra Benjamim. Neste momento é que as 11 tribos vão e consultam à Deus (Jz 20:18), quem deveria atacar Benjamim primeiro e Deus responde: “Judá vai primeiro”, derrota das 11 tribos e 22 mil mortos (Jz 20:18-22). As 11 tribos perguntaram uma segunda vez, atacam e perdem (Jz 20:23-25). Uma terceira vez, as 11 tribos, agora com jejum e sacrifícios, perguntam, atacam e vencem (Jz 20:26-46). As 11 tribos se arrependem do ataque e do desfalque que a tribo faria, se comprometem com a perpetuação de Benjamim.

*A causa principal dos problemas de Israel (Jz 21:25)*- Havia Rei, o Deus de Israel, que estava disponível e acessível durante todo o tempo. O tabernáculo e a Arca permaneceram em Siló (Js 18:1; Jz 18:31), com o sacerdócio sendo plenamente executado. Mas, mesmo havendo Rei, as pessoas faziam aquilo o que desejavam, ou seja, permaneciam desgovernados. Este tipo de narrativa mostra como nós, assim como eles, podemos nos desviar se não experimentarmos o Reino, não nos submetendo ao governo e liderança do SENHOR. Todas essas histórias soam como um aviso a nós: temos que ter em mente que não podemos virar as costas para o SENHOR, sendo um retrato triste da derrocada e decadência de não se submeter ao Deus de Israel. O único vislumbre de esperança, para eles e para nós, é encontrada na frase “Naqueles dias não havia rei em Israel, e cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos” (Jz 21:25). A esperança é O Rei de Israel, pois nós sabemos que há um Rei, e que um dia Ele vai voltar triunfante para governar todas as coisas.

*Condição humana nos dias de hoje* - O mais assustador que a história de Juízes, em última análise, é a história da condição humana e como ela se assemelha aos dias de hoje. Estamos passando por todas essas crises, abusos, violência e idolatria. Em Juízes vemos que

história aponta para a necessidade da graça e da misericórdia de Deus, e assim como em Juízes, Ele vai enviar um rei que vai resgatar o seu povo.